

Culturas e imagens

Juliana Carvalho Saraiva de Souza

“...Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
E vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.

Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.”

(Cecília Meireles)

O que esperar quando se está esperando

Professora ou pesquisadora? O ano era 2021, em um contexto pós pandêmico, o mundo vivia ainda assombrado pela destruição causada por um vírus, encontrava-me buscando sentido para a vida, quando nada mais fazia. Resolvi tirar sonhos do papel, um deles foi iniciar uma pós-graduação lato sensu na área em que venho atuando enquanto professora desde 2016: educação infantil.

O reencontro com mundo acadêmico, os textos lidos, os debates em aula, foram provocando em mim muitas inquietações e questionamentos. A vivência cotidiana junto as crianças na escola não era a mesma. Para além de enxergar o que vivenciava junto as elas, passei a olhá-las, como quem olha de fora.

No movimento do não automatismo da ação, mas do tempo de parar, olhar, escutar, sentir, estar atenta com olhos e ouvidos abertos, fui descobrindo-me para além de professora, mas pesquisadora. Meu fazer foi transformando em *práxis* (Freire, 1996, p. 25), a dimensão que alia teoria à prática e vice-versa.

Estava a pesquisar a relação das crianças daquele cotidiano escolar com seu bairro. Mas, imagens de crianças brincando enquanto aguardam a hora da saída escolar, atraiu meu olhar curiosa de pesquisadora. Ocorreu-me uma *Serendipidade*:

Serendipidade então passou a ser usada para descrever aquela situação em que descobrimos ou encontramos alguma coisa enquanto estávamos procurando outra, mas para a qual já tínhamos que estar, digamos, preparados. Ou seja, precisamos ter pelo menos um pouco de conhecimento sobre o que descobrimos para que o feliz momento de serendipidade não passe por nós sem se sequer o notemos. (Gonçalves, 2006, p. 09)

Minha então pesquisa foi reinventada. Comecei a fotografar, com autorização das crianças, o que elas faziam enquanto esperavam os portões da escola se abrir. Das fotografias, surgiram os registros no caderno de campo. E assim, foi desenvolvendo-se, ao longo de dez meses, essa pesquisa com crianças na faixa etária entre cinco e seis anos que frequentam uma unidade de educação infantil da rede pública municipal.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

As conclusões apontaram que as crianças do grupo pesquisado atribuíram novos sentidos aos momentos de espera das atividades de rotina da unidade de educação infantil que frequentam. Esse momento, através dos atos subversivos das crianças, tornou-se *espaçotempo* privilegiado para brincar. Enquanto esperavam, o grupo de crianças da pesquisa, desenvolveu combinados e códigos próprios, criou brincadeiras, atribuiu novos sentidos a objetos. Nesse movimento, foram desenvolvendo suas

culturas próprias e modificando a cultura escolar de espera até então existente naquela unidade de ensino.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A relação que essas crianças estabeleceram com a espera foi de inaugurar outros significados, outras perspectivas e subverter a ordem existente. Mas, não só para as crianças, a espera que se colocava para minha enquanto professora, foi um *espaçotempo* para ser pesquisadora.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Mas, como a tarefa do pesquisador não é exatamente trazer todas as respostas, pois a boa pesquisa é aquela que termina com boas perguntas. Essa pesquisa me trouxe mais *pulgas atrás da orelha* do que respostas, levando-me a buscar um aprofundamento teórico maior, ampliar meu campo de pesquisa, formular novas perguntas e conduzindo-me assim para realizar um Mestrado em educação.

No fim (de trabalho e não de conversa!) compreendi que não há pesquisa social sem afeto, sem relação. Ao longo das aulas do Mestrado em educação, fui entendendo que o pesquisador não é neutro, assim como a pesquisa também não é (Spink, 2014). A pesquisa do mestrado, antes de ir ao papel, aconteceu em quem fui em quem sou, sobre o que me afetou quando ao mesmo isso esperava.

Referências:

FREIRE, Paulo. Prática docente: primeira reflexão. In: **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra (coleção leitura), 1996. p. 25.

GONÇALVES, Ana Maria. Serendipidades!. In: **Um defeito de cor**. 38 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 09.

MEIRELES, Cecília. Ou isto, ou aquilo. In: **Poesia Completa, volume 4**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1997. p. 263.

SPINK, Mary Jane et al (org.). **A produção de informação na pesquisa social: Compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de pesquisa social, 2014.

Sobre a autora:

Juliana Carvalho é mestranda pelo Proped/UERJ, Pós-graduada em Educação Infantil pela PUC-Rio, Pedagoga pela UERJ. Atua como professora de educação infantil na SME-RJ.